

A ressurreição de Jesus

[Texto em português](#) · [Ler no site](#)

Resumo

Originalmente publicado como: “**The Resurrection of Jesus**”. Texto disponível na íntegra em: [/the-resurrection-of-jesus](#).

Falei recentemente numa grande universidade canadense sobre a existência de Deus. Depois de minha palestra, uma estudante levemente irada escreveu no seu cartão de comentários: “Estava do seu lado até você chegar naquele assunto sobre Jesus. Deus não é o Deus cristão!”.

Hoje, essa atitude é típica demais. A maioria das pessoas se alegra em concordar que Deus existe, mas em nossa sociedade pluralista tem-se tornado politicamente incorreto sustentar que Deus revelou a si mesmo de modo decisivo em Jesus. Que justificativas os cristãos podem apresentar, em contraste com hindus, judeus e muçulmanos, para entenderem que o Deus cristão é real? A resposta do Novo Testamento é: a ressurreição de Jesus. “[Deus] determinou um dia em que julgará o mundo com justiça, por meio do homem que estabeleceu com esse propósito. E ele garantiu isso a todos ao ressuscitá-lo dentre os mortos” (At 17.31). A ressurreição é a prova que Deus apresenta para as reivindicações pessoais e radicais de Jesus acerca de sua autoridade divina.

Assim, como sabemos que Jesus está ressuscitado dos mortos? O escritor do conhecido cântico de Páscoa diz: “Tu me perguntas como sei que ele vive? Ele vive no meu coração!”. Essa resposta é perfeitamente apropriada em nível individual. Mas, quando os cristãos envolvem os incrédulos em praça pública — como nas “Cartas à Redação” de um jornal local, ou em programas em que o ouvinte ou o telespectador faz perguntas ou emite opiniões ao vivo, em reuniões de pais e mestres ou numa mera conversa com colegas de trabalho —, então, é crucial nossa capacidade de apresentar evidências objetivas que sustentem nossas crenças. Caso contrário, nossas reivindicações não são mais substanciais do que as afirmações de alguém que alegue ter uma experiência particular com Deus.

Felizmente, o cristianismo é religião enraizada na história, cujas reivindicações podem ser, em considerável medida, investigadas historicamente. Vamos supor que nos aproximamos dos escritos do Novo Testamento não como Escritura inspirada, mas como mera coleção de documentos em grego que chegaram a nós do século I, sem nenhuma suposição quanto à sua fidedignidade, exceto a maneira como consideramos normalmente outras fontes da história antiga. Talvez nos surpreendamos ao saber que a maioria dos críticos de Novo Testamento que investigam os evangelhos dessa maneira aceita os fatos centrais que sustentam a ressurreição de Jesus. Quero destacar que não estou falando apenas de estudiosos evangélicos ou conservadores, mas da ampla gama de críticos do Novo Testamento que ensina em universidades seculares e seminários não evangélicos. Por espantoso que pareça, a maior parte deles passou a considerar como históricos os fatos fundamentais que apoiam a ressurreição de Jesus. Esses fatos são os seguintes:

Fato número 1: *Depois da crucificação, Jesus foi sepultado num túmulo por José de Arimateia.* Esse fato é muito importante, pois significa, contrariando críticos radicais como John Dominic Crossan do *Jesus Seminar* [Seminário Jesus], que o local onde estava o túmulo de Jesus era igualmente conhecido de judeus

e de cristãos. Nesse caso, os discípulos jamais poderiam ter anunciado a sua ressurreição em Jerusalém se o túmulo não estivesse vazio. Pesquisadores de Novo Testamento constataram o primeiro fato com base em evidências como as seguintes:

1. O sepultamento de Jesus está atestado na antiquíssima tradição citada por Paulo em 1Coríntios 15.3-5:

Porque primeiro vos entreguei o que também recebi:

Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras;

e foi sepultado;

e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras;

e apareceu a Cefas, e depois aos Doze.

Paulo não usa apenas os típicos termos rabínicos “recebi” e “entreguei”, com relação à informação que ele está passando aos coríntios, mas os versículos 3-5 são uma fórmula de quatro linhas carregada de características não paulinas. Isso tem convencido todos os especialistas de que Paulo está, conforme ele diz, citando uma antiga tradição recebida por ele após tornar-se cristão. Essa tradição remonta provavelmente à sua visita investigadora a Jerusalém por volta de 36 d.C., quando passou duas semanas com Cefas e Tiago (Gl 1.18). Datada, portanto, dentro do limite de cinco anos após a morte de Jesus. O curtíssimo intervalo de tempo e esse contato pessoal tornam, nesse caso, inútil discutir a possibilidade de lenda.

2. O relato do sepultamento faz parte de material muito antigo usado por Marcos ao escrever seu evangelho. Os evangelhos tendem a consistir de breves instantâneos da vida de Jesus vagamente ligados e nem sempre organizados cronologicamente. Mas, quando chegamos ao relato da paixão, temos uma narrativa única, regular e continuamente fluente. Isso sugere que a história da paixão foi uma das fontes de informação usadas por Marcos ao escrever seu evangelho. Porém, a maioria dos eruditos entende que Marcos já é o evangelho mais antigo, e a sua fonte sobre a paixão de Jesus é, evidentemente, ainda mais antiga. A comparação das narrativas dos quatro evangelhos mostra que seus relatos não divergem entre si até *após*